

*“Desenvolvimento de
habilidades musicais
em crianças autistas”:
um projeto de extensão,
pesquisa e ensino*

Claudia Eboli Corrêa dos Santos

Este trabalho apresenta o projeto de extensão “Desenvolvimento de Habilidades Musicais em Crianças Autistas”, parte da pesquisa de Doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Música (PPGM) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Participam do projeto 20 crianças com transtornos do espectro do autismo (TEA) na faixa de 6 a 14 anos, três estagiários das áreas de musicoterapia, psicologia e educação musical além da pesquisadora. Os atendimentos são gratuitos e acontecem uma vez por semana. Com o projeto pretende-se identificar as habilidades musicais desses indivíduos, tomando esta identificação como ação fundamental para a elaboração de estratégias que contribuirão com o seu desenvolvimento musical global. Para a identificação das habilidades musicais dos sujeitos da pesquisa, e posterior avaliação do desenvolvimento dessas habilidades, foi criado um instrumento cujos critérios dizem respeito ao comportamento musical dos indivíduos. Além dos objetivos direcionados ao desenvolvimento musical dos sujeitos, o projeto se propõe, também, a alcançar objetivos relativos à melhora da interação social e da comunicação dos mesmos.

Palavras-chave: habilidades musicais; interação social e comunicação; TEA

Introdução

Este artigo tem origem na minha tese de doutorado intitulada “Potencialidades e talento: um estudo sobre as habilidades musicais em crianças com transtornos do espectro do autismo” em desenvolvimento desde agosto de 2014 no programa de pós-graduação em música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e se propõe a apresentar o projeto de extensão “Desenvolvimento de habilidades musicais em crianças autistas”, o campo empírico da minha pesquisa. O texto, além de apresentar a implementação do projeto na universidade, pretende entremear algumas reflexões teóricas a respeito do seu funcionamento.

Musicoterapeuta e Educadora Musical há mais de 25 anos, sempre me interessaram os estudos da relação da música com os indivíduos autistas. Isso porque observo, na minha prática clínica e

pedagógica, que esses indivíduos demonstram um interesse e uma atração especial pela música. É interessante notar como a música os afeta e como isso cria uma ponte com o mundo a sua volta. Eles saem do seu isolamento para olhar na direção do estímulo sonoro/musical e muitos são capazes de compartilhar a experiência musical, tocando ou cantando, apesar das dificuldades apresentadas nos domínios de comunicação e interação. Alguns apresentam uma facilidade impressionante para reproduzir melodias, cantando ou tocando instrumentos. Outros, aqueles que têm severas dificuldades de interação e de comunicação, costumam ter uma reação corporal ao estímulo sonoro/musical e demonstram, dessa forma, o quanto são afetados pela música. A música e o som os atingem diretamente, sem defesa. Por isso, a utilização dos estímulos sonoro/musical com esses indivíduos deve ser feita de forma controlada, num setting confiável e por profissionais formados para isso.

Uma quantidade extensa de trabalhos, com abordagens diversas, já demonstraram que a música pode ser uma ferramenta valiosa de tratamento, e também de aprendizagem, nos Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) (DSM-5)¹, além de ser uma forma de expressão e comunicação mais acessível aos indivíduos com esses transtornos (FRAZIER, 2010; LANOVAZ *et al.*, 2011; GATTINO, 2012; LOURO, 2014). No entanto, a complexidade das relações entre música e autismo sugere que se aprofunde ainda mais as pesquisas nessa área.

Referencial teórico: o que a neurociência pode nos dizer sobre as relações entre música e autismo?

No Brasil, nos últimos anos, temos observado um crescente interesse dos pesquisadores pela neurociência, destacando-se como referencial teórico quando a relação da música com o funcionamento do cérebro é investigada. É um recente suporte teórico que pretende desvelar questões que até bem pouco tempo atrás só alcançávamos pela intuição. Muzkat nos diz que,

É importante que os trabalhos de música em neurociências surjam da interação multidisciplinar de músicos, musicoterapeutas, neurologistas, neurofisiologistas, possibilitando a ampliação de

¹ O Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5) foi publicado pela American Psychiatric Association em 2013.

nossos horizontes em uma prática que integra profissionais que antes tinham suas atividades seccionadas. Isso pode permitir uma comunicação mais eficiente, inclusive em nível musical e estético propriamente dito, com doentes em busca de contato, isolados da comunicação por suas disfunções cerebrais e mentais. A busca de melhores correlações da música com a função cerebral irá exigir um trabalho multidisciplinar que considere a própria estrutura musical na formulação metodológica dos trabalhos. (...) O esforço de trazer a música para as ciências de saúde poderá representar, por um lado, a transcendência de uma prática musical hedonista baseada apenas no ouvir-prazer e, por outro, a ampliação da visão da própria neurociência, para além do enfoque racionalista, que negligencia o subjetivo e o relativo expresso nas artes. (MUZKAT, 2000, p. 74)

Com o avanço da tecnologia e a introdução de novas técnicas de neuroimagem, como a ressonância magnética funcional (RMF), a visualização das atividades cerebrais e o estudo das mudanças funcionais e topográficas da atividade cerebral durante a realização de atividades que implicam funções mentais complexas, como tocar um instrumento, por exemplo, ficou mais acessível. Nesse sentido, muito tem se discutido sobre efeitos neuroplásticos resultantes do treino musical. Já é sabido que a aprendizagem musical corrobora outros tipos de aprendizagem e quanto mais se aprende mais se pode aprender (SCHLAUG *et al*, 2005; 2009; MUZKAT, 2014). O exercício da aprendizagem faz com que o cérebro se desenvolva através de sua plasticidade, cada vez mais.

Um sistema de neurônios que começou a ser estudado na década de 1980, primeiramente no cérebro do macaco e depois no cérebro humano, ficou conhecido com o nome de sistema de neurônios espelho (RIZZOLATTI; DESTRO, 2010). Esse sistema está sendo relacionado, atualmente, com várias funções complexas do cérebro e a sua disfunção está sendo apontada como uma das causas do autismo (RAMACHANDRAN; OBERMAN, 2006).

Molnar-Szackacs *et al* (2009) revelam que, em função de um mau funcionamento do sistema de neurônios espelho nos indivíduos com TEA, algumas capacidades cognitivas, como por exemplo a de imitar expressões faciais, ou entender a intenção ou as ações dos outros, estariam prejudicadas. Paradoxalmente, esse mesmo sistema

ofereceria um correlato neural para a especial apreciação da música pelos indivíduos com TEA.

Os erros de imitação em pacientes com TEA parecem sugerir que eles têm um déficit na capacidade de traduzir os planos de ação a partir da perspectiva dos outros para si. Diferenças no processamento de emoções entre os indivíduos com desenvolvimento típico e seus pares com TEA também são observáveis em nível neural. Um estudo de neuroimagem recente investigando imitação de expressões faciais emocionais mostrou que as crianças com autismo têm praticamente nenhuma atividade no SNE em comparação com o grupo controle de desenvolvimento típico, ligando claramente o seu isolamento social a um sistema neural importante para a compreensão das intenções, ações e emoções dos outros. Assim, o SNE oferece um substrato neural potencial para a compreensão das dificuldades sociais enfrentadas pelos indivíduos com TEA, enquanto paradoxalmente, o SNE também pode oferecer um correlato neural para a apreciação especial da música mostrada por indivíduos com TEA (MOLNAR-SZACKACS *et al*, 2009, p. 91) (tradução minha).

Molnar-Szackacs e Overy (2006), pesquisadores que têm investigado a fundo a relação da música com o autismo, relatam que o sistema de neurônios espelho, além de estar associado com uma variedade de funções complexas, teria também uma possível relação com o aprendizado da música por imitação.

Esses neurônios são recrutados tanto na ação quanto na observação da mesma ação executada por outro indivíduo. São recrutados, também, em resposta à audição de sons relacionados à ação executada por outro indivíduo. Acredita-se que o sistema de neurônios espelho esteja relacionado ao aprendizado por imitação, tendo sido, possivelmente, responsável pela aquisição da linguagem nos seres humanos. Assim como a linguagem, o aprendizado de música é realizado, em grande parte, pela capacidade de imitação. (MOLNAR-SZACKACS; OVERY, 2006, p.236, tradução minha).

Esses pesquisadores também investigam a associação do sistema de neurônios espelho ao reconhecimento de emoções nos

indivíduos com TEA (MOLNAR-SZAKACS; OVERY, 2006;2009). Eles propõem um modelo de experiência musical (SharedAffective Motion Experience – SAME) para ser utilizado na musicoterapia e na educação musical especial, que indica uma possível contribuição dos neurônios espelho na conexão entre córtex auditivo e sistema límbico, responsável pelas emoções, o que teria implicações na percepção de emoções evocadas por música.

O modelo SAME tem como característica valorizar a experiência musical compartilhada onde a interação, comunicação e aprendizado são facilitados e acontecem em estreita relação com as emoções. Os autores colocam que,

Quando o grupo que está fazendo música atinge um determinado nível de cooperação e coordenação, a sensação de união e compartilhamento de objetivos pode ser extremamente poderosa. Mesmo fazendo contribuições musicais totalmente diferentes para tecer uma textura musical, ou todos produzindo exatamente os mesmos sons, o conjunto é muito maior que as partes individuais. O som que emerge é o som do grupo, criado por um senso de propósito compartilhado. Os gestos e ações intencionais são simplesmente um meio para um fim: atividades coordenadas e a experiência afetiva que resulta do som (MOLNAR-SZAKACS; OVERY, 2009, p.495, tradução minha).

Eles sugerem ainda que a imitação, sincronização e experiência compartilhada pode ser a chave para aspectos do comportamento musical humano, e assim, pode ser a chave para o trabalho educacional e terapêutico usando a música. Nesse sentido, Muskat nos coloca que “a música, mais que qualquer outra arte, tem uma representação neuropsicológica extensa. Por não necessitar de codificação linguística, tem acesso direto à afetividade, às áreas límbicas, que controlam nossos impulsos, emoções e motivação” (MUSKAT 2000, p.72).

A emoção que perpassa a experiência musical compartilhada deixa registros no cérebro que podem abrir novas vias por onde os indivíduos autistas podem seguir. Acreditamos que a emoção envolvida na experiência musical compartilhada pelos sujeitos autistas, possa ser expressa e repetida em outros contextos, no seu dia a dia, na escola, na família, etc.

O projeto “desenvolvimento das habilidades musicais em crianças autistas”

A partir do meu ingresso no Doutorado do PPGM da UNIRIO em agosto de 2014, a busca pelo campo me levou a idealizar uma forma de como realizar a investigação empírica da minha pesquisa. A forma que considerava mais adequada seria criar uma unidade de atendimento musicoterapêutico/pedagógico-musical gratuito, aberto à comunidade, na própria universidade. Proposto como um plano de ação ao colegiado do Departamento Musical para ser realizado durante o ano letivo de 2015, o projeto foi aceito como de extensão universitária, com carga horária de seis horas semanais. A partir do aceite do colegiado, algumas providências deveriam ser tomadas para a concretização do projeto, como encontrar o espaço adequado, os instrumentos musicais que seriam necessários e os horários disponíveis. Foi-nos cedida uma sala de aula onde acontecem as oficinas (aulas práticas) do curso de licenciatura em música, com espaço suficiente para realizarmos os atendimentos. Essa sala já possuía instrumentos musicais, na sua maioria de percussão como atabaques, surdos, tambores, pandeiros, chocalhos, metalofones, xilofones, reco-recos e também um piano de armário em ótimas condições. Outros instrumentos, como teclados e violões, foram doados após a divulgação do projeto nas redes sociais e no site da UNIRIO. Com a divulgação, que começou em setembro de 2014, conseguimos cadastrar as crianças e receber para entrevistas estudantes e profissionais interessados em estagiar no projeto.

O processo de cadastramento/avaliação das crianças e a formação dos grupos

Os pré-requisitos para a participação no projeto eram o diagnóstico de autismo (sem comorbidade) dado por um médico, faixa etária que deveria estar entre seis e 14 anos e a autorização dada pelos responsáveis legais das crianças, com assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

No processo de cadastramento e avaliação das crianças, que durou o período entre 3 de outubro e 28 de novembro de 2014, as 20 vagas oferecidas foram preenchidas de acordo com a ordem de

procura para que não houvesse parcialidade na escolha dos sujeitos.

O processo de cadastramento envolveu, além das avaliações das crianças, entrevistas com os seus responsáveis. A avaliação das crianças teve como objetivo verificar o comportamento musical que elas apresentavam, ou seja, como reagiam aos estímulos sonoros, se apresentavam alguma habilidade musical como cantar, tocar, acompanhar pulsação ou variações rítmicas, e também verificar seu comportamento social e emocional; se interagia com a pesquisadora ou com o estagiário, se demonstrava medo, se tinha comportamento agressivo e se apresentava bom desenvolvimento da fala e linguagem.

Usando um conceito elaborado por Vigotski, poderíamos dizer que com as avaliações estávamos verificando, em termos musicais e comportamentais, o nível de desenvolvimento real das crianças, ou seja, “o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados” (2003, p. 111). Com as avaliações pudemos observar também que o comportamento autista das crianças variava entre leve, moderado e grave, sendo que a idade da criança, muitas vezes, influenciava nessa classificação. De acordo com o DSM-5 (APA, 2013) o transtorno do espectro do autismo é uma condição com sintomas que apresentam diferentes níveis de severidade em dois domínios, a saber: 1) déficit na comunicação e interação social e 2) comportamentos, interesses e atividades restritos e repetitivos².

As entrevistas com os responsáveis consistiram em aplicação de um questionário com perguntas abertas sobre a história da criança desde a gestação até o momento atual (anamnese), com maior relevância às informações sobre sua (da criança) relação com a música e os sons do ambiente. O questionário foi seguido de conversa informal com a pesquisadora, onde os responsáveis puderam complementar informações que eles considerassem importantes. Essas informações, então, foram acrescentadas ao questionário.

Gostaria de fazer um parêntese no relato e ressaltar que os pedidos de cadastramento continuam chegando à minha caixa postal, o que demonstra a demanda da população autista por esse tipo de

² Transtorno do espectro do autismo é um novo nome do DSM-5, que reflete um consenso científico de que quatro doenças previamente separadas são atualmente uma única condição com diferentes níveis de gravidade dos sintomas em dois domínios fundamentais. TEA agora engloba o anterior (DSM-IV) transtorno autista (autismo), transtorno de Asperger, transtorno desintegrativo da infância e transtorno invasivo do desenvolvimento sem outra especificação. TEA é caracterizado por 1) déficit na comunicação e interação social e 2) atividades e interesses repetitivos e restritos (APA, 2013) (tradução minha).

serviço. Foram cadastradas 20 crianças porque esse seria o número mínimo de sujeitos considerado adequado para a validação de uma pesquisa, porém, elaboramos uma lista de espera com mais de 30 crianças, cujos responsáveis lamentam o fato de não encontrarem esse tipo de atendimento especializado sendo oferecido pelo Estado.

O processo de cadastramento dos estagiários

A ideia inicial era incluir no projeto os alunos de licenciatura em Música da própria UNIRIO e os do bacharelado em Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música (CBM). No entanto, a divulgação pelas redes sociais fez com que houvesse uma procura muito grande de interessados em participar. Além dos estudantes, outros jovens já formados em diversas áreas como medicina, psicologia, educação, terapia ocupacional também me procuraram. Observei nesses jovens uma empolgação pela ideia de participar de um projeto no qual se entrelaçam a prática e a pesquisa e a preocupação em poder continuar sua formação.

Após fazermos uma reunião com todos os interessados e cada um apresentar seus motivos para querer participar do projeto, a questão do dia e horário que foram definidos tornou-se impeditivo para alguns. Seleccionamos, então, os que tinham disponibilidade e o perfil que considerava compatível com os objetivos do projeto: uma musicoterapeuta, um psicólogo que também é músico, e uma educadora musical com formação em enfermagem, todos eles com alguma experiência, em suas práticas, com crianças autistas. Esses jovens vieram de fora da universidade, com saberes construídos em áreas diversas e o mais importante: vieram com uma paixão que os move na direção de aprofundar seus conhecimentos. E nesse caso, acerca de como trabalhar com crianças com transtornos do espectro do autismo em contextos onde a música é a ferramenta para se alcançar benefícios que ultrapassam a área pedagógica. Como é uma pesquisa transdisciplinar que transita pelas grandes áreas da saúde (musicoterapia) e da educação (educação musical), nada mais coerente com a ideia do projeto do que incluir estagiários advindos de áreas afins.

Concordo com Nóvoa quando ele afirma que,

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de

conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (...) Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NOVOA, 1992, p.25).

No projeto, considero a ideia de que os saberes são construídos à medida que a interação entre os componentes do grupo (eu, as crianças e os estagiários) acontece e essa ideia parece ser estimulante para os estagiários.

Objetivos

Os objetivos do projeto são a identificação e o desenvolvimento das habilidades musicais das crianças autistas, sujeitos da pesquisa, utilizando estratégias que valorizem o compartilhamento da experiência musical, tendo como fundamentação o modelo SAME (MOLNAR-SZAKACS; OVERY, 2009). Além disso, outro objetivo é a avaliação do impacto que as ações produzidas no decorrer dos atendimentos podem ter na forma como essas crianças se comunicam e interagem socialmente no seu dia a dia. Portanto, além de pedagógicos-musicais os objetivos são terapêuticos, implicados nas áreas de comunicação e sociabilidade, que são as áreas onde o indivíduo autista apresenta seu maior prejuízo.

A coleta e análise dos dados

Para Alves–Mazzotti e Gewandsznajder (1998), as pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas, ou seja, os procedimentos e instrumentos de coleta de dados podem ser variados. De acordo com Yin, “a vantagem mais importante que se apresenta no uso de fontes múltiplas de evidências, no entanto, é o desenvolvimento de linhas convergentes de investigação, um processo de triangulação...” (2005, p. 126). A triangulação dos dados, então, tem em vista a corroboração do mesmo fato ou fenômeno.

A coleta dos dados da minha pesquisa está sendo feita por

meio da observação participante do pesquisador nos atendimentos e dos instrumentos auxiliares, como os diários de campo, a ficha de identificação das habilidades musicais dos sujeitos e as filmagens dos atendimentos, que servem para verificação da confiabilidade dos resultados. A análise das evidências será feita por triangulação dos dados coletados e servirá para identificar a evolução musical global dos sujeitos da pesquisa ao fim do projeto. Ou seja, as várias fontes de evidências vão fornecer várias avaliações do mesmo fenômeno que é o desenvolvimento musical dos sujeitos.

Diários de campo

Os diários de campo são redigidos com objetivo de registrar dúvidas, minha interpretação e o meu sentimento a respeito do que ocorre nos atendimentos e registrar também acontecimentos ou situações que não estão diretamente relacionados com o comportamento musical das crianças, sujeitos da pesquisa, mas que considero importantes para uma análise mais global do contexto. Alves-Mazzotti e Gewandysznajder chamam-no de “diário reflexivo” e consideram-no “um precioso auxiliar para a análise dos dados” (1998 p. 176), permitindo a avaliação das necessidades de mudanças nos procedimentos durante a investigação.

Ficha de identificação/avaliação das habilidades musicais

A ficha de identificação das habilidades musicais foi pensada para ser um instrumento auxiliar da observação participante sistemática do pesquisador. Segundo Alves-Mazzotti e Gewandysznajder (1998) esse tipo de instrumento é utilizado quando o pesquisador preestabelece o que será observado em termos de comportamento bem como a forma de registro dessas observações. Eventualmente, esse tipo de observação pode utilizar alguma forma de quantificação. No caso da ficha que elaboramos para a identificação/avaliação das habilidades musicais utilizaremos uma observação da quantificação em forma de escala, “que permite estimar o grau em que um determinado comportamento ocorre e fazer um julgamento qualitativo sobre esse comportamento ou atividade” (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER,

1998 p. 167).

Essa ficha foi elaborada de forma que as habilidades musicais estivessem numa ordem crescente em termos de complexidade. Então, o primeiro item a ser identificado será se a criança reage corporalmente aos estímulos sonoros/musicais e o último se a criança improvisa ou compõe, passando pela capacidade de manter o pulso da música ou do ritmo proposto; acompanhar variações rítmicas; mostrar preferência por algum instrumento musical; vocalizar ou cantar com letra; manter afinação e acompanhar mudanças de tonalidade; reproduzir/imitar melodias, cantando ou tocando; e se compartilha a experiência musical. A escala de quantificação que utilizo diz respeito a quantas vezes determinado comportamento musical aparece durante o atendimento. Por exemplo: acompanha as variações rítmicas (sempre; frequentemente; às vezes; nunca). Pretendemos traçar um gráfico da evolução do desenvolvimento musical dos sujeitos, tendo em conta a identificação do nível de desenvolvimento que eles apresentaram no início do projeto. Então, com a comparação entre a análise dos dados ao início do projeto e ao fim do projeto é possível identificar a evolução ou não das habilidades musicais dos sujeitos da pesquisa.

Filmagem dos atendimentos

O recurso da filmagem, geralmente, é utilizado para maximizar a confiabilidade dos resultados das pesquisas. De acordo com Bauer e Gaskell o “vídeo tem a função óbvia de registro de dados sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descrito compreensivamente por um único observador, enquanto ele se desenrola” (2012, p. 149). A filmagem no projeto tem por objetivo contribuir para uma melhor análise do que ocorre nos atendimentos, num procedimento que visa à conferência e comparação com o que foi preenchido nas fichas de identificação/avaliação das habilidades musicais dos sujeitos da pesquisa. A filmagem tem a vantagem de demonstrar realisticamente o que ocorre nos atendimentos em termos do que, musicalmente, os sujeitos apresentam. O canto pode ser demonstrado pelos sujeitos de várias formas, assim como o resultado sonoro do que eles tocam pode ter variadas nuances que só a gravação do som pode desvelar. Ainda de acordo com os autores citados “não existem limites óbvios para a amplitude de ações e narrações humanas

que possam ser registradas, empregando conjuntamente imagem e som em um filme de vídeo” (BAUER; GASKELL, 2012 p. 149). Numa pesquisa onde o que se pretende verificar é o desenvolvimento musical global dos sujeitos a filmagem com estas características, ou seja, juntando som e imagem, pode ser de grande auxílio na avaliação desse desenvolvimento.

Questionário para os responsáveis das crianças ao final do projeto

O questionário que será aplicado para os responsáveis ao final do projeto tem por objetivo verificar o impacto das ações produzidas durante o projeto na forma de comunicação e interação social dos sujeitos da pesquisa no seu dia a dia. O questionário será elaborado com perguntas abertas que dizem respeito especificamente ao comportamento social e comunicacional dos sujeitos da pesquisa fora do ambiente do projeto. A análise das respostas dos responsáveis nos dará a possibilidade de avaliar qualitativamente o tipo de impacto gerado nos domínios social e comunicacional das crianças, sujeitos da pesquisa.

Dinâmica dos atendimentos

Com as 20 crianças cadastradas e a carga horária de seis horas semanais, os grupos foram formados com duas, três ou quatro crianças no máximo, divididas por faixa etária e por nível de severidade. Os atendimentos acontecem uma vez por semana, com duração de 50 minutos cada.

As atividades musicais desenvolvidas durante os atendimentos têm como característica a escuta atenta da pesquisadora, que é um observador participante, ao que a criança demonstra em termos de comportamento musical. A criança indica o caminho e a pesquisadora segue. A partir desse caminho, variações podem surgir e atividades mais direcionadas àquilo que queremos verificar podem ser sugeridas. Trabalhamos com formas interativas de atividades musicais, inspiradas nas metodologias ativas da educação musical (MATEIRO; ILARI, 2011) e nos métodos da musicoterapia como a improvisação e a recriação (BRUSCIA, 2000).

A função dos estagiários é dar suporte físico, emocional e

musical à pesquisadora nas atividades musicais desenvolvidas durante os atendimentos. Nem sempre os três estagiários participam ao mesmo tempo e às vezes a pesquisadora fica na posição de apenas observar. Ou seja, alternamos nossas participações em busca de uma dinâmica que não cause estresse nas crianças.

Os responsáveis não participam dos atendimentos a não ser que seja absolutamente necessário como, por exemplo, em caso de dificuldade de adaptação. Isso ocorreu no início do projeto, mas agora todas as crianças estão perfeitamente adaptadas.

Considerações finais

Algumas considerações poderão ser feitas aqui não em caráter conclusivo, mas sim em caráter provisório. O projeto só será concluído em dezembro de 2015 e até lá pretendemos continuar debatendo questões quanto ao seu funcionamento, procedimentos e até aos objetivos que nos propomos alcançar. O projeto, que é de extensão universitária, mas é também de pesquisa e é também de ensino, nos tem mostrado até agora que é possível realizar parcerias de sucesso com a comunidade, que acaba por se beneficiar através do serviço que é oferecido pela universidade.

Indo contra uma concepção positivista do conhecimento, que costuma fazer a cisão entre teoria e prática, entre o pensar e o fazer, estamos construindo, com o projeto, parcerias que possibilitam a produção de conhecimentos que une teoria e prática, pensamento e ação e que acabam por ser compartilhados com a universidade e a comunidade. Dessa forma acreditamos estar contribuindo para fortalecer um paradigma de formação que questiona “uma visão monocultural do saber que elegeu a ciência moderna como critério único de verdade e a universidade e os seus intelectuais como os legítimos representantes desse saber” (ARAÚJO, 2011 p. 202).

O projeto, por tratar-se de unidade de atendimento musicoterapêutico/pedagógico-musical e transitar pela área da saúde recebendo em suas instalações crianças que fogem do padrão, que gritam, que não se comunicam adequadamente, que têm um comportamento bizarro, representa uma novidade, nem sempre boa para alguns, numa instituição que está voltada para a formação de docentes em música e instrumentistas de alto desempenho. No

entanto, a UNIRIO recebeu esse projeto sem ressalvas e a universidade quando está aberta a novas experiências e valoriza o intercâmbio com a comunidade, diminui seus riscos de se transformar num espaço monolítico, rígido.

Temos a esperança, então, de dar continuidade ao projeto, não mais como campo de pesquisa, mas como unidade permanente de atendimento musicoterapêutico/pedagógico-musical gratuito, aberto à comunidade autista e aberto, também, à comunidade acadêmica para que estudantes e interessados possam aprofundar a pesquisa de tema tão instigante que é a relação da música com o autismo.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, ALDA. J. & GEWANDSZNAJDER, F. O planejamento de pesquisas qualitativas. In *O método nas Ciências Naturais e Sociais. Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. São Paulo: Pioneira, pp.147-178, 1998.

ARAÚJO, M. S. *Pensando Práticas e Saberes na Formação Continuada de Professores/as* in Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias: Desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. ANPED Sudeste, pp. 193-205, 2011.

BAUER M. W. & GASKELL, G. (Orgs.) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Trad. Pedrinho Guareschi. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRUSCIA, K. E. *Defnindo musicoterapia*. Trad.Mariza Conde. 2ª ed. Rio de Janeiro; Enelivros, 2000.

FRAZIER, T. K. *Learning to play and perform on musical instruments and the sociobehavioral benefit to students on the autistic spectrum. An inquiry project submitted to the MAED program for experienced educators center for programs in education*. Antioch University Seattle. December, 2010.

GATTINO, G. S. *Musicoterapia aplicada à avaliação não verbal de crianças com transtorno do espectro autista: revisão sistemática e estudo de validação*. Tese de Doutorado. UFRGS, 2012.

LANOVAZ et al. Effects of music on vocal stereotypy in children with autism. *Journal of applied behavior analysis*, number 3, pp. 647–651,2011.

LOURO, V. S. Jogos musicais, Transtorno do Espectro Autista e Teoria da Mente: um relato de experiência *Anais do X Simpósio de Cognição e Artes Musicais*, 2014.

MATEIRO, T.; ILARI B. (Org.) *Pedagogias em Educação Musical*.

Curitiba: Ibpex, 2011.

MOLNAR-SZAKACS, I.; OVERY, K. (2006). *Music and mirror neurons: from motion to emotion*. Downloaded from <http://scan.oxfordjournals.org/> by guest on February 9, 2014.

_____ Being together in time: musical experience and the mirror neuron system. *Music perception*, vol. 26, pp. 489-504, 2009.

MUSZKAT, M.; CORREIA, C.; CAMPOS, S. Música e Neurociências. *Rev. Neurociências* 8(2): 70-75, 2000.

MUSZKAT, M. Transformação pela música. *Rev. Ciência.Hoje*, nº 323, vol. 54 pp. 6-8, 2014.

NÓVOA, A. Formação de Professores e Profissão Docente in *Os professores e a sua formação*, pp.13-33. Lisboa : Dom Quixote, 1992.

RAMACHANDRAN V.; OBERMAN L. *Broken Mirror: a theory of autism*. 2006.

RIZZOLATTI G.; DESTROM. Mirror neurons: from discovery to autism. *ExpBrain Res*, 200:223-237, 2010.

SCHLAUG, G.; NORTON, A.; OVERY, K.; WINNER, E. Effects of music training on the child's brain. *Annals new york academy of sciences*, 2005.

SCHLAUG G.; WANC. Music Making as a Tool for Promoting Brain Plasticity across the Life Span. *Neuroscientist*. October ; 16(5): 566-577, 2010.

VIGOTSKI L. *A Formação Social da Mente*. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

YIN, ROBERT K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi, 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.